

VINTE E CINCO ANOS DEPOIS

Cel Art QEMA
DARCY TAVARES DE CARVALHO LIMA

S U M A R I O

1. Para-quedismo militar no Brasil — Notícia Histórica.
2. Missão e Natureza da Tropa Aeroterrestre — A Brigada Aeroterrestre Brasileira.
3. Instrução e Emprêgo de Tropa Aerotransportada.
4. Segurança Interna — Contribuição do Combatente Aeroterrestre.
5. Conclusão.

... "Quero a luta e a tormenta. Dai-me, meu Deus, definitivamente, a certeza de que essa será a minha parte para sempre, porque nem sempre terei a coragem de vo-lo pedir. Dai-me Senhor o que vos resta, aquilo que os outros não querem, mas dai-me também a coragem, a força e a fé" ...
(Da oração do pára-quedista.)

1. PARA-QUEDISMO MILITAR NO BRASIL — NOTÍCIA HISTÓRICA

Antes do término da Segunda Guerra Mundial, o Capitão de Infantaria ROBERTO DE PESSOA, ainda empolgado com o que vira na Alemanha, durante as Olimpíadas e mais tarde sob o impacto resultante dos arrasadores ataques dos pára-quedistas germânicos, em memoráveis campanhas naquele conflito, conseguiu do Ministro da Guerra autorização para fazer um curso na "The Airborne School", Fort Benning, Georgia, nos Estados Unidos da América do Norte.

Chegando o referido oficial à América, em 1944, ainda encontrou em Fort Benning uma atividade febril, com a formação de 1500 pára-quedistas por semana, a despeito da sorte das armas já ter pendido para os Aliados.

Vale lembrar que somente em 1941 o Exército dos Estados Unidos preparou, em Fort Benning, sua primeira tropa aeroterrestre com o efetivo de um Pelotão, para empregar poucos anos depois duas Divisões na invasão da Normandia, e, em 1944, um Corpo de Exército, na famosa Operação Market-Garden, na Holanda, isto

para citar apenas as mais espetaculares daquelas façanhas, onde foram lançadas tropas aeroterrestres.

Ao regressar à Pátria, o Cap Pessoa iniciou, em 1945, uma série de palestras em todas as Regiões Militares, visando não só difundir seus novos conhecimentos, como também recrutar voluntários para uma turma de Oficiais e Sargentos que deveriam fazer cursos de pára-queda naquele Forte, com a finalidade de, ao regresso, iniciarem o treinamento dessa especialidade em nosso Exército.

Os selecionados, em exame de saúde e provas físicas, nas Regiões Militares, foram concentrados no Rio de Janeiro, onde, sob a direção do Cap Roberto de Pessoa, iniciaram, na Escola de Educação Física do Exército, em outubro de 1945, árduo treinamento físico, após um novo, rigoroso e completo exame de saúde, onde vários foram eliminados.

A 20 de dezembro de 1945 a primeira turma de 15 Oficiais e 6 Sargentos recebia, em Fort Benning, o almejado distintivo de pára-quedista, fazendo reunida logo após, o Curso de Mestre de Salto e depois, separada em grupos, os cursos das especialidades de Demolições, Comunicações, Manutenção e Dobragem de Pára-quadistas, Planadoristas e o Curso Avançado de Pára-quadistas, este visando particularmente a técnica de trabalho de Estado-Maior, no escalão Regimento Aeroterrestre, que culminou com um exercício completo no nível Batalhão, onde todas as fases de um assalto aeroterrestre foram convenientemente praticadas. O aprendizado deste primeiro grupo terminou com um proveitoso estágio de um mês na famosa "82 nd Airborne Division", em Fort Bragg, na Carolina do Norte.

Com o término do curso, na América, de uma segunda turma, em 13 de abril de 1946 regressaram todos ao Brasil, chegando ao Rio em 13 de maio do mesmo ano, perfazendo um total de 25 Oficiais e 9 Sargentos, perfeitamente senhores da técnica aeroterrestre. O Cap Pessoa, se dedicara a questões de organização quer da tropa aeroterrestre quer da Escola de Pára-quadistas.

Enquanto ainda estávamos na América, foi criada no Brasil, pelo Decreto-Lei n.º 8.444, de 26 de dezembro de 1945, (BE n.º 52) a Escola de Pára-quadistas, "sob o comando de um Oficial Superior, com o Curso de Estado-Maior e compreendendo Órgãos de Administração, um Corpo de Alunos, (a duas Companhias de Infantaria) uma Bateria de Artilharia, uma Seção de Engenharia, uma Companhia de Especialistas com Pelotões de Transmissões, Destruição e Conservadores Artífices". Era assim dada organização para a nossa primeira tropa aeroterrestre, sem que se soubesse qual seria o seu aquartelamento, muito embora os que estavam na América devessem regressar em poucos meses.

A 7 de março de 1946, o então Coronel Nestor Penha Brazil assume no Rio, auxiliado por dois Oficiais não especializados, o co-

mando dos pára-quedistas que, ao regressarem dos Estados Unidos, foram instalados na Biblioteca da Diretoria de Material Bélico, no 7.º andar do Ministério da Guerra. Em agosto desse mesmo ano, o Ministro de então designou comissão encarregada de escolher o local destinado à construção da futura Escola de Pára-quedistas e no mês seguinte, após insistentes pedidos dos chamados "pioneiros" (*) o então Núcleo de Formação e Treinamento de Pára-quedistas passou a funcionar provisoriamente, em um dos pavilhões do quartel do 1.º/1.º RAAAE, em Deodoro, local escolhido em virtude da proximidade com o Campo dos Afonsos.

Durante os quatro primeiros meses após o regresso da América, os pára-quedistas, se empenharam em exercícios de lançamento de fardos, no Campo da Air France em Jacarepaguá, utilizando pára-quedas descarregados da Escola de Aeronáutica e a boa vontade de alguns abnegados companheiros da Força Aérea, a cuja iniciativa e alto espírito de colaboração muito deve a tropa aeroterrestre. Tais treinamentos visavam familiarizar os nossos pilotos de avião C-47 com uma técnica para eles completamente desconhecida, pois o Ministério da Aeronáutica não concordou com o pedido do Ministério da Guerra para ser enviado, com a primeira turma que seguiu para a América, um mínimo de dois oficiais da FAB para estágio em Fort Benning com os pilotos de Transporte de Tropa.

Graças à generosidade e apoio dados pelos companheiros do 2.º Grupo de Transporte, estacionado nos Afonsos, foi possível a realização do *primeiro salto militar de avião em voo, a 26 de outubro de 1946*, durante as festividades da Semana da Asa. Tomaram parte neste salto, realizado com pára-quedas velhos da Aeronáutica, e também já descarregados, onze dos pára-quedistas pioneiros e um oficial pára-quedista, membro da Seção do Exército Norte-Americano da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos. Tal salto foi realizado com toda a precisão, na Baía de Guanabara, em frente à antiga praia do Flamengo, mas nem por isso conseguiram os pioneiros, mesmo depois do sucesso alcançado, não só no meio militar como também civil, convencer as autoridades competentes de que o início das atividades aeroterrestres não deveria nem poderia tardar, sob pena do empreendimento cair no descrédito e morrer no nascedouro. A falta de verbas e de qualquer auxílio de natureza técnica dos Estados Unidos, eram os causadores do entrave ao pára-quedismo em nosso país. Mesmo assim, os trabalhos em Deodoro, dos quais ressaltamos a construção da Área de Estágio, embora lentos, progrediram graças ao auxílio dos primeiros voluntários, incorporados desde março de 1947.

A 3 de janeiro de 1949, quase depois de três anos da chegada ao Brasil dos chamados pioneiros, era iniciado o primeiro Curso Bá-

(*) Nomes, em anexo.

sico, com a *brevetação de trinta e um pára-quedistas*, inclusive o então Cel Nestor Penha Brazill. Antes d'êste acontecimento o Cap Roberto de Pessoa saíra do Núcleo.

O início efetivo da atividade de salto colocava assim o nosso Exército em posição de destaque face aos congêneres Latino-Americanos.

A estrutura inicial da tropa aeroterrestre sofreu modificações, sendo em 1949 extinto o Núcleo de Formação e Treinamento de Pára-quedistas, que passou a chama-se Escola de Pára-quedistas para, em 1952, graças ao Decreto n.º 31.393, constituir-se em Núcleo da Divisão Aeroterrestre.

Para quem relembra a implantação do pára-quedismo militar no Brasil, não pode passar despercebido o trabalho profícuo e inteligente realizado pelo então Major Aduauto Bezerra de Araújo, que conseguiu, auxiliado pelos que ali servim à época, transformar o homem, de simples saltador de pára-quedas, em combatente aeroterrestre, inoculando-lhe o vírus de verdadeiro soldado do ar, pela realização de manobras dentro de quadro tático e de demonstração de salto em várias cidades do nosso país, precedidas por palestras realizadas em conjunto com oficiais da Força Aérea. Foi, em verdade, uma fase áurea do pára-quedismo no Brasil, o que sem dúvida permitiu os sucessos que aquela tropa de elite tem alcançado no presente.

Vemos assim que, a despeito de todos os esforços, os meios aeroterrestres surgiram e se desenvolveram entre nós de maneira altamente irregular, desordenadamente. Não houve de início medidas e providências que disciplinassem a formação daquela tropa. Parece que não se acreditava no seu surgimento e desenvolvimento e isso face aos meios necessários julgados indispensáveis e inexistentes entre nós, sem nos referirmos também à complexidade de requisitos necessários à formação do aeroterrestre, como apreensão de uma técnica indispensável de vôo e salto, de condições de destemor, desprendimento e vigor físico, requeridos como motivação psicológica após a realização do armistício.

Havia dificuldade para atender às inúmeras solicitações de meios e recursos para pôr em funcionamento aquêlê primeiro Organismo, capaz de criar e desenvolver a tropa que, num futuro próximo, seria a organização aeroterrestre, reconhecidamente da maior importância na atual conjuntura, em um país como o nosso e de tamanha extensão territorial, desprovido de acessos fáceis a muitas de suas áreas de importância.

O horóscopo do pára-quedista previa uma vida de luta, de inveja recalcada e incompreensões, de dissensões pessoais a entravar seu desenvolvimento, mais que isso, a possibilitar seu crescimento desordenado, *ao arrepio dos interesses da coletividade* e das exigências

da Conjuntura Nacional. Este fato mais se agravou se levamos em conta que, mais que outra formação militar, careciam os pára-quadistas terem a sua criação e desenvolvimento intimamente ligados às possibilidades e mesmo sensibilidade de nossa Força Aérea. De que serviria ou servirá para o pára-quadista, como organização militar, apenas saltar de pára-quedas? E esta foi, até certo ponto desgraçadamente, a orientação inicial dada à formação desta tropa, menos pelo desejo dos que a criaram do que por sérios imponderáveis. Tivemos um início marcado por uma atividade quase exclusiva de salto de pára-quedas a desenvolver e criar uma mentalidade distorcida de falsos super-homens, de elementos estranhos dentro da organização militar que devia discipliná-los, no tocante a suas verdadeiras finalidades. Foi o período mais difícil com que contou a formação da tropa aeroterrestre, a desenvolver e aprimorar apenas as suas qualidades de arrôjo e destemor, sobrepondo-se até à conveniência e porque não dizer convivência do enquadramento disciplinar. Foi salva de início aquela tropa, e não podemos negar que o foi, graças aos atributos extraordinários da personalidade dinâmica de seu grande realizador, à sua inteligência viva e bravura física, à sua capacidade de dirigir homens e qualidades de liderança. Refiro-me ao então Cel Penha Brazil, que venturosamente teve de afastar-se, seis meses ou pouco mais, do convívio de sua tropa, enquanto aguardava o reexame e a reestruturação da organização com o fito de absorvê-lo, já agora no posto de General. Neste "exílio" pôde ele apreciar de longe a sua obra e vislumbrar as imperfeições, as distorções do desenvolvimento daquela magnífica tropa e buscar, com sua inteligência privilegiada e ajuda de companheiros vários, que até a vida punham a serviço do surgimento do pára-quadismo entre nós, buscar repito a solução natural e a nova orientação que devia perseguir para alcançar os objetivos propostos: a formação de uma tropa aeroterrestre na verdadeira acepção do sentido técnico profissional. Contou o General Penha Brazil, para tanto naquela oportunidade, com o apoio decidido e firme do seu Chefe do Estado-Maior, o então *Coronel Augusto Cesar Moniz de Aragão*.

O surgimento unilateral, digamos assim, da tropa aeroterrestre, sem o necessário e decorrente paralelismo da Força Aérea, no que tange à organização de pessoal e material, bem como aprendizado de técnicas de voo e salto, de lançamentos de material, inclusive pesado, exigiram dos mais moços um esforço inaudito, um desenvolvimento extraordinário de uma afeição pessoal entre os companheiros do Campo dos Afonsos e dos pára-quadistas que são, ainda hoje, o grande sustentáculo da atividade comum. A carência e mesmo obsolescência do material de voo e o desenvolvimento das linhas do Correio Aéreo Nacional; o fato de um pequeno contingente de pilotos de transporte de tropa conviverem com os pára-quadistas face a um número apreciável de outros que apenas realizavam, a períodos certos,

vãos de linhas de maior duração e mesmo mais agradáveis e remunerativos; a necessidade de transferir os aviões de transporte para o Galeão, a fim de garantir seguras condições de operacionalidade, afastando a guarnição dos Afonsos daquele salutar e desejado entendimento; a crise desastrosa decorrente de eventos políticos; o não atendimento pronto das necessidades de instrução, importando na não realização dos planos de trabalho, com reflexos no desenvolvimento e adestramento da tropa aeroterrestre; a falta periódica, por sua vez, de equipamento de salto, face ao crescimento desordenado dos efetivos que não obedeciam senão e muitas vezes a interesses pessoais; a inexistência de instalações para tropa, recursos de toda a sorte, mesmo na área do aprendizado técnico; as substituições de comando e administração jungidas a interesses outros que não os da eficiência e racionalização da tropa aeroterrestre e muitos outros argumentos e razões, que ainda estão presentes naqueles que para lá foram, no princípio da formação daquela tropa e sentiram e sentem como *desordenada*, desassistida e fora de sistematização foi *aquêle pugilo de pioneiros* se transformando no complexo mais difícil de comandar e conduzir, talvez por se terem sentido frustrados pela não concretização pronta de seu ideal; tudo isso concorreu, pondo de lado a validade e a inveja humana, para tumultuar a organização inicial da tropa aeroterrestre e até para contribuir para seu desprestígio.

Finalizando êste rápido bosquejo histórico, onde examinamos o pára-quedismo no Brasil desde o seu nascimento até o final da gestão Penha Brazil, por ser a fase na qual fomos testemunha ocular, queremos ressaltar que a tropa aeroterrestre em nosso país deve ter uma organização segura, discreta em efetivos e com vistas a compensar o seu enorme gasto; deve ter vinculação particular com a política da Força Aérea e com ela conviver na mais precisa e justa intimidade. Este conjunto deve ser fundido à base mais do que estíma, da amizade fraterna e do respeito mútuo. Uma mentalidade de transporte pelo ar, de eficiente apoio à tropa aeroterrestre, deve ser aprimorada ao máximo, propiciando desenvolvimento do conceito de que à Força Aérea cabe a maior responsabilidade no emprêgo daquela tropa, qual seja, Transportar, Apolar pelo fogo, Lançar, Suprir e, em alguns casos Evacuar.

2. MISSÃO E NATUREZA DA TROPA AEROTERRESTRE — A BRIGADA AEROTERRESTRE BRASILEIRA

2.1 — Missão

A missão das unidades aeroterrestre deve ser, em particular, a da manutenção da Segurança Interna no âmbito nacional dentro do quadro da Guerra Revolucionária, não se deixando de lado o

encargo natural que se lhe deva atribuir como Organização Militar altamente preparada para o combate nas operações militares convencionais. Entre nós, nesta quadra da Conjuntura Internacional, as organizações aeroterrestre devem ficar permanentemente mobilizadas, à disposição do Comando Supremo para serem empregadas instantaneamente em qualquer parte do país, quer na preservação da ordem interna — nas situações de paz e de política anormal — quer nos casos de guerras internas, estas obviamente, decorrentes da Hipótese de Guerra admitida.

Essas organizações militares devem, pois, estar conveniente e meticulosamente adestradas para se opor, desde as manifestações hostis de rua, às operações militares conduzidas por forças irregulares; devem ser aptas a desenvolver e conduzir ações psicológicas, aí incluídos o conhecimento, mínimo que seja, da atuação e da insidia das técnicas da Revolução empregada pelo Bloco Comunista; devem ser dotadas de alto espírito de disciplina e seus elementos devem ainda ser física e moralmente capazes, por forma a infundir respeito e estima a seus concidadãos. For conseguinte, a tropa aeroterrestre deve possuir um Núcleo Base, em valor apreciável, a fim de impedir e evitar os inconvenientes dos licenciamentos anuais. Ao nosso ver, o tempo de serviço dos elementos destas organizações, deve ser tal que apenas um terço de seu valor venha a ser substituído anualmente, a fim de evitar-se de um lado e fragilidade natural e decorrente de uma preparação anual de novos combatentes aeroterrestres e de outro pela necessidade de ordem econômica, de evitar-se a formação de um Contingente apreciável, com os meios limitados de aeronaves e equipamentos disponíveis.

A História Militar nos ensina que as forças aeroterrestres sempre foram uma Reserva Estratégica na mão do Comando Supremo ou então na de um Comandante de Teatro de Operações. A nossa Bda Aet se encontra na primeira dessas situações acima, tendo como missão as inerentes a qualquer tropa em reserva.

2.2 — Natureza

A natureza dos meios militares brasileiros para as operações aeroterrestres deve ser fundada pela participação efetiva dos elementos da Força Terrestre e dos da Força Aérea Brasileira. A contribuição, terrestre deve ser à base de unidades pára-quedistas — à guisa de núcleo permanente e fixo — às quais, em determinadas circunstâncias, será adicionado o contingente de Tropa Aerotransportada, para assegurar-lhes continuidade no tempo e na ação. Desde logo, a par das cogitações de organização e preparo das unidades aeroterrestres deve ser tratada a preparação de outras unidades terrestres para o transporte militar, aí considerado não só a instrução

conveniente como a organização em pessoal e material dêesses meios para o transporte pelo ar.

As unidades das organizações militares a isso destinadas, devem ser de antemão destacadas, sem contudo perderem a vinculação primitiva, para receberem êstes encargos, digamos, de meios complementares das unidades pára-quedistas nas operações aeroterrestres. Não se trata, portanto, de um simples movimento administrativo feito por via aérea e sim de um movimento tático, com emprêgo imediato logo após o desembarque na área do objetivo.

Um segundo escalão, constituído por unidades terrestres, fica por fim em condições de ser levado por qualquer meio de transporte para a região da intervenção, para substituir a característica natural, do combate aeroterrestre pela técnica peculiar do combate de forças terrestres.

Dêste modo, distingue-se uma organização permanente, fundida, subordinada a uma orientação peculiar, e uma outra, adicional, com peculiaridades e habilitações aeroterrestres o que aliás foi feito durante a Segunda Guerra Mundial com o emprêgo de pára-quedistas e planadoristas e modernamente vem sendo praticado com pára-quedistas lançados de aviões e elementos aerotransportados, desembarcados dos chamados aviões de assalto, que não necessitam de pistas preparadas para as aterragens e decolagens.

2.3 — A Brigada Aeroterrestre Brasileira

O "Diário Oficial", de 8 Nov 68, publicou o decreto que institui uma nova organização para a Grande Unidade Aeroterrestre (GU/Aet), em substituição ao então Núcleo da Divisão Aeroterrestre, estacionado em Deodoro (GB) e suas vizinhanças. O Estado-Maior do Exército, em decorrência de acurados estudos, consubstanciados no Plano Diretor de Rearticulação e Reorganização das Forças Terrestres, em atendimento a circunstâncias outras da atual quadra da conjuntura da vida nacional, apresentou, para a nova GU/Aet, uma estrutura de comando e uma sistemática de vida administrativa, que a entrosa no plano das atuais inovações apresentadas por aquêl alto órgão ao estabelecimento do Plano citado.

Estrutura de comando e organização — A Bda Aet, para fins de emprêgo, no âmbito do território nacional, está hipotecada ao comando das forças terrestres. Neste nível de comando, opera-se facilmente e com mais propriedade, os entendimentos e efetiva-se a coordenação, com os meios aéreos de transporte de tropa (TT). No escalão Grande Unidade, o Comando da Bda mantém ligação e estreito contato com o comando aerotático terrestre, a quem, entre nós, a unidade operacional do TT de apoio às operações aeroterrestres se vincula.

A Bda Aet, por seu turno, se situa na condição de reserva do I Ex, com parte de seus meios, para a eventualidade de atuação na área deste Alto Comando, nos casos de manutenção da segurança interna — são condicionamentos ditados mais pela dependência da vida administrativa e de subordinação disciplinar.

Como se observa, não há um laço mais definido, preciso mesmo, de inter-relação com a grande unidade aérea do TT, que lhe deva corresponder, particularmente quando se reconhece que uma operação aeroterrestre não resulta de um simples, primário e factível apoio da força aérea às unidades terrestres — a sua realização constitui, sem dúvida, uma responsabilidade conjunta maior na preparação (já incluídas as atividades de planejamento), que mesmo no decorrer da execução.

A organização da Bda Aet foi ditada por imperativos de natureza doutrinária (concepção geral da guerra, fisionomia das operações a emprender, entre nós); de condições naturais de emprego, seja em atuação com outros Estados, seja independentemente. Nestas circunstâncias, as organizações militares desta tropa aeroterrestre devem destinar-se:

— à formação deste tipo particularizado de combatente e conseqüentemente ao desenvolvimento de sua capacidade operacional em uma grande unidade em operações convencionais, no quadro da coalizção de forças continentais e, excepcionalmente, como elemento de ação de desequilíbrio estratégico, em questões com Estados limítrofes;

— à manutenção da segurança interna, no amplo sentido de policia de segurança, de âmbito nacional, quer em emprego efetivo, quer como ação de presença, desestimulando a irrupção de movimentos perturbadores da ordem interna regional, na acepção literal do texto constitucional — ação Caxias!

A atual organização imposta à Bda Aet decorre, também e subsidiariamente, de fatores outros, tais como:

— a natureza altamente diferenciada, do preparo e adiestramento deste combatente, que, se de um lado tem como condicionamento o voluntariado, condições especiais de saúde, particular aptidão para o trabalho físico e uma necessária e imprescindível acomodação psíquica do iniciante, de outro, resulta da aquisição de técnicas especiais para o lançamento de pessoal e material em pára-quedas e da atividade continuada de voo e salto de aeronaves de TT;

— as limitações econômico-financeiras, nos anos de 69-70, com repercussão na obtenção de material adequado e operacional, inclusive aviões de transporte;

— a necessidade de arbitrar-se o valor máximo desta tropa, em função do efetivo global das forças terrestres de combate.

Destas condições, infere-se que a organização da Bda Aet deve contar com dois conjuntos interligados: um, para a caracterização da tropa, conjunto de unidades das armas e serviços aeroterrestres; outro, que possibilite a qualificação básica aeroterrestre, como um grupamento orgânico e integrante desta GU/Aet.

(1) **A Tropa**, à base de organizações simples e flexíveis, totalmente aerotransportadas e aptas ao lançamento em pára-quedas, é constituída de 3 batalhões de infantaria (80% do efetivo combatente), com comandos independentes; de 1 grupo de artilharia (obuses de 105mm); de um comando de grupamento de unidades de apoio (GUA/Aet), organização peculiar a esta tropa, de nível batalhão; e de um Quartel General e companhia de QG.

O GUA/Aet reúne sob um único comando, todas as organizações militares de apoio de combate, tais como as companhias de engenharia, de intendência, de material bélico, saúde e de comunicações. A ele ainda se incorporam a Banda de Música e os Destacamentos de Precursores que realizam a soldadura operacional com as unidades de aviação de TT, nas zonas de lançamento e de aterragem; de Forças Especiais, para as missões distintas associadas ao emprego da tropa ou não; de Suprimento de pára-quedas, no caso de operações partidas de fora da base de apoio.

(2) O conjunto que possibilita a qualificação básica aeroterrestre; assegura o suprimento de pára-quedas, a sua manutenção bem como a preparação de cargas pesadas para o lançamento; assiste e preserva a saúde e higidez muscular da tropa, é definido respectivamente pelo Centro de Instrução Aeroterrestre General Penha Brazil, a Companhia de Suprimento e Manutenção de Pára-quedas e o Grupamento de Saúde.

Toda a vida e atividade da Bda, a bem dizer, gravita em torno deste núcleo central responsável pela operacionalidade e eficiência técnica do combatente aeroterrestre.

Sistemática administrativa. — Foi adotada para a Bda Aet a unificação administrativa de toda a GU/Aet e permitida a semi-autonomia, para determinados fins administrativos, aos comandantes das diversas unidades aeroterrestres.

A localização das unidades da Brigada em uma área relativamente diminuta; a posição relativa dos aquartelamentos, capazes de serem inscritos em uma elipse, cujo eixo maior não excede a 3 km; a tendência de simplificar e disciplinar as atividades administrativas, condicionando os gastos e fixando cronogramas de desembolso; o desejo de deixar às unidades apenas as preocupações exclusivas nos encargos e misteres da instrução (formação e adestra-

mento) e do emprêgo; e, por fim, as facilidades oferecidas pela utilização de computadores eletrônicos, possibilitaram ao Estado-Maior do Exército, na organização da Bda Aet:

— centralizar as atividades de suprimento, de finanças e de assistência médica;

— atribuir aos comandantes das unidades o exercício do controle integral do material e a administração total dos assuntos relacionados com o pessoal.

No conjunto das instalações, hoje ocupadas pelas unidades aeroterrestres, destacam-se três regiões bem distintas dos quartelamentos: a região central, do GUA/Aet; a do agrupamento de unidades de infantaria; e o estacionamento do grupo de artilharia, regiões estas conhecidas respectivamente por Colina, Arrolo dos Afonsos e Deodoro.

Neste caso, resta à GU/Aet, como unidade administrativa:

(1) guarnecer e operar as três regiões referidas com atendimento de subsistência e de material, com os seus próprios meios; enquadrar reforços relativos às atividades citadas, oriundas das unidades apoiadas nas respectivas regiões;

(2) guarnecer e operar, na região central, uma agência de finanças — a pagadoria da Bda — englobando as atividades diretas de pagamento do pessoal; de indenização, de adiantamentos, de repasse, aos comandantes de unidades, agentes diretos de administração, se necessário;

(3) guarnecer e operar um "centro médico", centralizando em pessoal e material, tôdas as necessidades da assistência preventiva e mesmo curativa, em certos casos;

(4) atribuir, por delegação de competência, certas e determinadas tarefas e funções administrativas com vistas, quer à supervisão, controle de execução de serviços prestados, quer mesmo aos assuntos referentes à disciplina e às medidas e providências ligadas à segurança dos quartelamentos.

3. INSTRUÇÃO E EMPRÊGO DE TROPA AEROTRANSPORTADA

É princípio doutrinário pacífico que tôdas as unidades das forças terrestres, suscetíveis de se deslocarem pelo ar, devam receber instrução sobre os fundamentos e a técnica do movimento aéreo, ficando em condições de utilizar êste transporte tanto de dia como à noite, em missão de combate ou em um simples movimento administrativo.

mes.

Uma vez desembarcadas, as unidades devem ficar em condições de entrar em combate ou de realizar movimento a pé, por ferrovia ou em transporte motorizado, com apenas o equipamento conduzido por via aérea.

Evidentemente o movimento, por este meio, de unidades que não aeroterrestres, só deve ser empregado quando obstáculos geográficos, forças inimigas, grandes distâncias e condições de tempo excluem ou dificultam grandemente a utilização de outro processo de movimento.

Qualquer unidade pode ser adaptada para o movimento pelo ar, mediante instrução adequada e certas alterações de equipamento, que não sejam grandes a ponto de comprometer a eficiência combativa da unidade no desempenho de sua missão principal.

As características dos aviões, por outro lado, impõem certas limitações do equipamento que acompanha as unidades aerotransportadas.

É importante salientar que estas unidades devem realizar instruções e ensaios da mesma maneira que as unidades aeroterrestres, exceto no que diz respeito ao salto em pára-quedas. Os comandantes e oficiais de estado-maior devem ter um conhecimento perfeito dos processos táticos e técnicos inerentes ao planejamento e execução de uma operação aeroterrestre, dos quais destacamos os seguintes:

Realização do aprestamento; disciplina de voo; reunião, reorganização logo após a aterragem e conduta das operações no objetivo; suprimento por via aérea; perfeito conhecimento das características, possibilidades e limitações dos aviões de transporte usados no Brasil; normas de emergência e utilização de equipamento para sobrevivência, em caso de acidente; preparação das cargas (equipamento) para o movimento aéreo e de sua respectiva documentação; carregamento e amarração de fardos e do material pesado, inclusive a utilização de dispositivos especiais para esse fim; procedimento da Unidade para pedir e receber suprimento por via aérea; preparação psicológica do homem para o voo e para atuação em condições peculiares de combate; adestramento para embarcar e desembarcar rapidamente das aeronaves e medidas de segurança em torno das mesmas.

Como dado médio, podemos dizer que havendo local adequado para a instrução, instrutores habilitados e o equipamento necessário, uma unidade terrestre do valor de batalhão pode preparar-se razoavelmente, para realizar um movimento aéreo, com 8 a 10 dias de instrução, de oito horas de trabalho por dia. A repetição dessa instrução, com certa frequência, permitirá manter em nível adequado o treinamento adquirido.

Deve haver um entrosamento perfeito com as unidades de pára-quedistas, a fim de que os planos de desembarque, reunião, reorganização e emprêgo tático das unidades aerotransportadas estejam intimamente coordenados com os dos elementos da força aeroterrestre já na cabeça-de-ponte aérea ou região do objetivo.

Tal coordenação diminuirá a interferência com as operações em curso, realizadas pelos pára-quedistas, evitando confusão, congestionando e facilitando o emprêgo rápido das unidades aerotransportadas.

Ao que sabemos, até hoje no Brasil não foi ministrada especificamente em profundidade nenhuma instrução para preparo de tropa aerotransportada no nível Batalhão. Tem havido, isto sim, estágios de Oficiais do Curso de Intendência da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, junto ao DOMPSA (Curso de Dobragem, Manutenção de Pára-quadras e Suprimento pelo Ar) visando o suprimento por via aérea e também estágio de cadetes da AMAN, e de Oficiais e Sargentos dos Exércitos para conhecimentos generalizados sobre tropa aeroterrestre e aerotransportada.

4. SEGURANÇA INTERNA — CONTRIBUIÇÃO DO COMBATENTE AEROTERRESTRE

4.1 — É doutrina firmada entre nós que para as Fôrças Armadas atuarem contra a Guerra Revolucionária, necessitam:

a. Destruir, imediatamente, os núcleos revolucionários assinalados, realizando permanentemente, para isso, ações preventivas e repressivas em todo o território Nacional.

b. Confinar e reduzir, em áreas isoladas, as fôrças revolucionárias remanescentes, de modo a evitar a generalização do conflito.

c. Preservar, a todo custo, os principais centros da vida Nacional e os Serviços Públicos essenciais, particularmente os de transporte, comunicações e energia elétrica.

d. Concentrar, com oportunidade, o poder político militar nas áreas conflagradas e assegurar, nas demais, a proteção da população e a normalidade da vida civil.

e. Impedir o auxílio externo aos revolucionários.

4.2 — Examinando-se as ações acima, verifica-se que uma das tropas mais aptas a fazer face às mesmas, pelo menos nas suas fases iniciais, é a aeroterrestre, quer pela sua atuação de surpresa, agressividade, destemor, instantaneidade de ação, possibilidade de em curto prazo vencer grandes distâncias e barreiras geográficas, quer mesmo pelas condições de coragem, arrôjo, resistência à fa-

diga, iniciativa, aptidão e gosto para a disputa e para o risco e outras tantas qualidades positivas inerentes aos seus integrantes.

4.2.1 — Tal estado de treinamento é obtido graças à objetividade da instrução ministrada à tropa, desde a chegada do conscrito que logo após umas poucas semanas de convivência nas diferentes unidades depois da incorporação, é enviado ao "Centro de Instrução Aeroterrestre General Penha Brazil", organização militar que tem por missão a formação básica do combatente aeroterrestre; a habilitação de oficiais, subtenentes e sargentos pára-quedistas para o desempenho de missões de mestre de salto, precursores aeroterrestres, dobragem, manutenção de pára-quedas e suprimento pelo ar e execução de salto livre; preparação de militares, pára-quedistas ou não, para o planejamento e execução do transporte pelo ar, emprêgo de táticas e técnicas utilizadas pelos "Comandos", e emprêgo de doutrinas e técnicas sôbre guerrilhas e operações de "fôrças especiais".

Terminada a instrução básica de pára-quedista, o conscrito, já possuidor de conhecimentos elementares sôbre o equipamento de lançamento de pessoal e material, conduta no transporte aéreo, características rudimentares das aeronaves de transporte de tropa e das técnicas de reorganização após os lançamentos, é levado para a região de Xerém (RJ) onde é submetido a uma instrução intensiva, em regime de tempo integral, com o objetivo de familiarizá-lo com particularidades da instrução individual, técnica e tática relativamente ao seu preparo como combatente nos aspectos de sobrevivência e combate na selva; emboscada e contra-emboscada, silenciamento de vigias e sentinelas, fuga e evasão; de tiro instintivo, transposição de obstáculos e escaladas; de orientação, observação e reconhecimento, diurnos e noturnos; de patrulha. O desenvolvimento deste treinamento é feito sob os fundamentos de uma intensidade exaustiva, disciplina rigorosa de execução, continuidade absolutamente intermitente e de um realismo tal que os fracos e indecisos não o suportam. Testados no crisol que é a Área de Estágio, depois de terem sentido na face o sópro das hélices das aeronaves de onde se lançam no ignoto e após a rudeza do treinamento individual básico de combate, merecem os conscritos a honra de ostentar no peito o distintivo de pára-quedistas e de usar a boina vermelha e a bota marrom que caracterizam aquela tropa de escol. É este tipo de soldado, alfabetizado, desempenhado, de vigor físico excelente, com reações psicológicas já acomodadas, chelo de iniciativa, que tem espírito de equipe, orgulhoso de si mesmo e da tropa a que pertence, devolvido às diferentes subunidades para nelas iniciar a instrução básica de qualificação e posteriormente desenvolver seus conhecimentos no período de aplicação.

4.2-2 — Os cabos e soldados antigos participam de uma instrução de atualização com a finalidade de mantê-los psicologicamente e tecnicamente nas melhores condições para enfrentar qualquer tipo de ação subversiva ou participar de missões de Segurança Interna, em qualquer área do território nacional.

O treinamento físico é agora orientado na preparação do combatente, incluindo-se ataque e defesa pessoal, natação e transposição de obstáculos, enquanto a instrução de Combate e Serviço em Campanha visa a desenvolver o espírito agressivo do aeroterrestre, a iniciativa, os ardis para a conduta na luta contra os subversivos de todos os matizes e praticar os aspectos coletivo e particularizados do combate nas diversas regiões geográficas do país, inclusive nas áreas urbanas.

É dada ênfase à ação educacional e instrução da Guerra Revolucionária, compreendendo uma parte doutrinária e outra de aplicação, inclusive com estágios nos Serviços de Segurança do Estado, Federal, do Exército, Marinha e Aeronáutica.

4.2.3 — Os quadros são submetidos à instrução de atualização ou de formação e especialização, sem descuidar a instrução física, o tiro, as demonstrações nos Estados e os reconhecimentos de zonas de lançamento (ZL). Os diferentes exercícios são feitos dentro de um quadro tático simples para manter oficiais e sargentos familiarizados com os trabalhos de estado-maior, visando particularmente ao planejamento, preparação e execução de operações aeroterrestres.

4.2.4 — O que talvez pouca gente sabe no Exército é que a instrução ministrada no Curso de Comandos e no de Forças Especiais atingiu um alto grau de eficiência e operacionalidade, sendo desenvolvida da seguinte maneira:

a. Curso de Comandos: (Para oficiais e sargentos para-quadristas ou não)

— Primeira fase, destinada ao preparo do aluno, para o emprego de táticas e técnicas utilizadas nas operações tipo "Comandos" e ao treinamento físico especializado.

— Segunda fase, visando ao preparo dos instruídos para o combate em terreno montanhoso e a exercícios táticos realísticos, inclusive com a participação da Aeronáutica e da Marinha.

— A terceira fase, feita no Centro de Operações na Selva e Ações de Comandos (COSAC), em Manaus, antigo CIGS destina-se ao preparo dos alunos para operações em selva.

b. Curso de Forças Especiais (Sòmente para oficiais e sargentos pára-quedistas, possuidores do Curso de Comandos). Este Curso também se desenvolve em três fases:

— Primeira, de 9 semanas, visando dar ao aluno conhecimentos gerais sòbre o emprêgo de doutrinas e técnicas sòbre guerrilhas e operações de forças especiais.

— Segunda, de 7 a 9 semanas, que habilita os instruendos ao exercicio das funções específicas que irão desempenhar após o término do Curso: O Centro de Estudos de Pessoal e as Escolas de Material Bélico e de Comunicações colaboram com a instrução desta fase.

— Terceira, de 3 semanas, destina-se à execução de exercicios práticos com o emprêgo dos alunos organizados em equipes. Nesta fase, Instrutores e alunos chegam à área de exercicio utilizando o salto livre com o pára-quedista armado e equipado para missão de guerra, o que até então não era feito com o emprêgo do pára-quedas para salto livre. Muito têm concorrido para o aprimoramento desta instrução os cursos ultimamente feitos por especialistas da Brigada Aet na Escola John Kennedy, em Fort Bragg, nos Estados Unidos, onde são formados os famosos "Boinas Verdes" daquele pais.

Em 1965, um pequeno número de Pqdt atuou na região de Foz de Iguaçu para a capital dos guerrilheiros chefiados pelo ex-coronel Jeferson Cardim de Alencar Osório.

4.2.5 — Acostumados a fazer as coisas sem alarde e sem autopromoção, com o desejo único de justificar o nome de sua tropa como sendo de elite e de capacidade operacional comprovada, têm os pára-quedistas contribuido eficazmente para dinamizar a instrução de nosso Exército, sendo oportuno que se ressalte este fato, quando acabam de comemorar seu Jubileu de Prata, mais como um prêmio justo ao seu trabalho de pioneirismo, de inovação. A tropa aeroterrestre já realizou missões de toda a natureza em várias partes do território nacional, desde resgate de vítimas de avião desaparecido na região amazônica, como de auxílio às operações contra inundação. O Centro de Instrução de Guerra na Selva, hoje de fama internacional, nasceu dos pára-quedistas e deles se abastece até hoje, o mesmo acontecendo com o Departamento de Instrução Especial da AMAN.

A bota marrom já pisou solo estrangeiro, com participação destacada em manobras com exercitos de outros paises na Zona do Canal do Panamá, e em demonstrações de salto no Chile, Paraguai e Peru. A despeito de já ter ultrapassado a casa dos 400.000 saltos, de ter qualificado mais de 21.000 pára-quedistas brasileiros, entre os quais 8 Generais, 2 Brigadeiros e 1 Almirante Fuzileiro Naval; de ter brevetado 5 militares norte-americanos, 11 peruanos, 3 paraguaios, 3 equatorianos e 2 portugueses; de ter proporcionado está-

gio de Mestre de Salto, de Dobragem e Manutenção de Pára-quadras e Suprimento pelo ar para militares paraguaios, a percentagem de acidentes fatais é de 0,0045% e o de não fatais de 0,7%, o que comprova a eficiência da instrução ministrada e a apurada técnica do trabalho desenvolvido pela Companhia de Intendência de Suprimento e Manutenção de Pára-quadras.

Todos os Exércitos e os Comandos Militares de Área já contam com a participação de pára-quadristas em suas Manobras e algumas Regiões Militares já solicitaram equipes para ministrar instrução especializada de contraguerrilha e organizar pistas visando o adestramento para a guerra irregular.

No campo dos desportos é a Brigada Aet celeiro de grandes atletas, alguns internacionais, como o Major Malta, e Sargento Cantarelli, para citar os mais conhecidos, sendo suas diferentes equipes por muitas vezes chamadas para representar o I Ex, como acontece com a de pedestrianismo. Por três vezes a equipe de salto livre já compareceu em competições internacionais, duas na Europa e uma no Brasil, fazendo excelente figura, não sendo de admirar que conquiste um 1.º lugar dentro em breve.

5. CONCLUSÃO

a. A operação aeroterrestre é uma empresa complexa, que exige alto grau de coordenação das atividades, um planejamento integrado e metódico e uma execução segura e precisa.

Trata-se de ajustar técnicas e táticas de elementos das forças terrestres e das forças aéreas, estas de meios pesados, pouco manobráveis, desarmados, voando sob condições particulares (formações padronizadas, rígidas de vôo de grupo, lançamentos em áreas restritas, e de condições difíceis de aproximação, muitas vezes de dimensões limitadas, não exigindo condições seguras de precisão); aquelas dotadas de uma técnica particular para chegar ao solo em condições de combate diferenciadas, particularmente nas situações primeiras das operações em terra. Uns e outros carecendo de um apoio aéreo de fogo e de suprimento, do conhecimento das condições de segurança nas proximidades da área de intervenção. Estas condições estão a exigir não só o conhecimento de técnicas e processos particulares de estudo, planejamento, preparação das ações aeroterrestres, mas a indispensável preparação psicológica e o convívio destes combatentes. Este conjugado deve ser preparado desde os estágios primários da preparação técnica de vôo e salto, e a vontade e determinação da equipe deve ser forjada sob a inspiração de uma estima e compreensão indissolúveis.

b. No tocante a emprêgo nas condições estimadas da Conjuntura Internacional e Nacional, esta referida em particular à Segurança Interna, há necessidade indeclinável de o Comando Supremo

dispor, de imediato, dêste Grupamento de Fôrças para fazer-se presente em curto prazo, intervir mesmo em áreas preestabelecidas quer pelo planejamento de guerra (Interna), quer pelas zonas estimadas de perturbação da ordem, em situações de paz (de politica anormal). Esta equipe, êste verdadeiro time das Fôrças Armadas, estruturado e adestrado como um todo, nas condições definidas, intervirá na missão de verdadeira Polícia Nacional em beneficio da manutenção da ordem interna e da preservação do regime democrático.

Constitui por sua vez, a sua presença em estado de alerta, de permanente vigília da Ordem e Segurança, fator apreciável do desencorajamento das atividades perturbadoras da vida Nacional. Êste fato, por si só, acrescerá de muito as condições de paz e de Segurança Interna, tão necessárias ao desenvolvimento e progresso Social do País.

c. De outro lado, a existência dêste Grupamento de Fôrças como um todo, concorrerá para o desenvolvimento e aprimoramento das técnicas de Comando Combinado, surgimento natural de condições para a sua existência entre nós, com repercussão saudável na fixação de normas, particularmente destinadas ao nosso temperamento e aptidão para êste tipo de trabalho integrado.

d. O pára-quedista militar necessita de condições físicas especiais e de uma primorosa coordenação muscular, obtidas através de um trabalho progressivo, devidamente programado e controlado, a fim de que se possa reduzir de muito as possibilidades de acidentes, quer no treinamento ou no emprêgo em missões de guerra. Daí a necessidade de se dispor desde o inicio, por ocasião do Recrutamento, de boa matéria-prima, de homens física e psicológicamente melhor capacitados que os das demais organizações do Exército.

e. Há 25 anos uns poucos idealistas, oficiais e sargentos, chefiados pelo Cap Roberto de Pessoa, foram brevetados em terra estrangeira e posteriormente comandados pelo sempre lembrado Gen Nestor Penha Brazil, conseguiram implantar no país os primeiros efetivos aeroterrestres, hoje consubstanciados em uma Brigada, de excelente adestramento e acendrado espírito de corpo, tropa de escol de nosso Exército. É oportuno que aquêles memos pioneiros, que agora se unem cheios de alegria à família pára-quedista para comemorar o Jubileu de Prata dos soldados do ar, lembrem e se permitam transcrever alguns conceitos que vivem e terão que viver sempre presente na tropa que respeitam e admiram:

- "O pára-quedista deve conquistar e merecer a estima e o respeito de seus concidadãos, já que a fase de admiração e do entusiasmo pelo que se pode fazer e realizar está completamente superada. Não adianta pensar que é bom, é imperativo provar que o é."

- "a guerra é, antes de tudo, um combate interior; é na alma de cada soldado que a batalha é ganha ou é perdida."
- "nossa atividade de pára-quedista é bela.
Bela porque nos ensina o desprendimento, a renúncia, a paciência e a obediência.
Bela porque nos inspira e estimula o espírito de camaradagem.
Bela porque cria a coragem, a audácia e o espírito de sacrifício.
Bela porque é a escola da honra e da lealdade. Bela porque faz de nós, homens".
- "A presença do chefe encoraja, o seu exemplo contagia, a sua palavra reconforta; quando êle combate dá a sua vida pela Pátria e, consciente do perigo não hesita em afrontá-lo para cumprir integralmente o seu dever; se tem medo, sabe dominar-se, controlar os seus nervos e obter a fôrça do espírito na sua Fé, no seu amor à Pátria, no olhar dos seus homens".
- "As profissões nobres têm sido sempre as que não enriquecem e o desprendimento é a primeira virtude do soldado".
- "A Fôrça Armada é a expressão da alma nacional; enfraquecer as virtudes militares é trair; servir à sua causa é servir à Pátria."

— *A comunicação humana, dom específico que complementa a definição da condição de pessoa, emerge, agora em tôda a pujança, de um paradoxo fundamental de nossa existência. A essa potencialidade espiritual que encerra o segredo da re-criação, acrescentou a tecnologia a dimensão da massa e postou o grande ator diante de seu crucial drama: informa mas não comunica, fala mas não dialoga.*

WALTER RAMOS POYARES